



**G. VON RAD**, *Weisheit in Israel* (GTB 1437), Gütersloher Verlagshaus, Gütersloh 1992 ISBN 3-579-01437-4

Depois das múltiplas edições do original (até 1990 no Neukirchner Verlag des Erziehungsvereins) e das versões em outras línguas, esta edição da consagrada Obra do consagrado Autor tem só uma novidade – aparecer em edição de bolso. O que diz tudo da, aliás merecida, popularidade da Obra no espaço linguístico alemão.

Como noutras produções, estou pensar na *Teologia do Antigo Testamento*, von Rad lê-se até com prazer. O tratamento sério e profundo conjuga-se com a leveza e fluidez da forma a partir da Introdução (pp. 11-73) dedicada aos lugares e portadores da tradição didáctica e às várias expressões do conhecimento sapiencial (provérbios, grandes poemas didácticos, salmos, diálogos). Só estranha que os antigos, para exprimir um conhecimento que preludiou os ensaios filosóficos (filosofia é «amor da *sabedoria*») tenham lançado mão da poesia em vez da prosa. Por um lado, era normal o recurso à poesia na vida quotidiana e até na diplomacia; por outro, esta quase dimensão lúdica da transmissão do conhecimento denota a preocupação de envolver holisticamente o destinatário e não atingir apenas a inteligência.

A II Parte trata da «emancipação da razão e os seus problemas» (pp. 75-148). É interessante a dialéctica entre um certo «iluminismo» e a continuidade da fé. Antes, a crença («temor de Deus») tornou-se o «princípio da sabedoria» (Prov 1,7; 9,10; 15,33; Sl 111,10; Job 28,28). «A tese que todo o conhecimento do homem remete para a questão da ligação a Deus é uma tese de perspicácia penetrante... Ela contém em substância toda a teoria do conhecimento de Israel» (p. 94). Mas também «não há conhecimento que não projecte sinteticamente o sujeito do conhecimento na questão do seu autoconhecimento e na compreensão de si mesmo» (p. 93).

A última afirmação podia vir mais à frente, sob o rótulo «limites do conhecimento» (pp. 131 e seguintes). Pois para os sábios do Antigo Testamento «só é sábio quem não imagina que o é» (p. 137), como se deduz de uma série de provérbios comprovativos (Prov 26,12; 27,1; 28,11.28; 3,5.7).

As «matérias particulares de ensino» (III Parte: pp. 151-363) não se resumem. Apelam ao prazer da leitura. Percorremos os «elementos de domínio da realidade». A capacidade interpelativa da natureza cósmica (para o Autor e bem, «auto-revelação da criação») percebida sobretudo na auto-apresentação da sabedoria (Prov 8,22-31, entre outros lugares) é ainda mais interpelante na exegese arguta e clara do Autor. «Confiança e provação» sintetizam em rótulo o conteúdo de *Job*

e *Eclesiastes*. Como é que um grande poeta (autor/es de *Job*) conseguiu inovar com formas tradicionais (hino, lamentação individual) transmitindo afinal uma verdade antiga (sofrimento aparentemente imerecido)?!

Termina-se com as «considerações finais» (364-405), a que segue um breve Índice analítico e uma lista de Lugares Bíblicos. Incluem-se no tratamento e os livros deutero-canónicos (*Carta de Jeremias, Livro de Ben Sira e Livro da Sabedoria*), pois sem eles a sabedoria de Israel seria incompleta. Nem no Índice se relegam para um estatuto menor de «apócrifos», tratados como são em pé de igualdade com os restantes. O espírito científico insere-se bem no diálogo ecuménico.

Não resta ao crítico senão convidar à leitura e ao estudo.

**José Nunes Carreira**

**DIETMAR MATHIAS**, *Die Geschichtstheologie der Geschichtssummarien in den Psalmen* (Beiträge zur Erforschung des Alten Testaments und des antiken Judentums, 35), Peter Lang, Frankfurt a. M. 1993. ISBN 0722-2097. ISBN 3-631-44223-8

Até à década de 60, G. von Rad era uma espécie de «monstro sagrado» da ciência veterotestamentária, nomeadamente na questão do Pentateuco. Um dos pilares era o seu estudo de 1938, «Das formgeschichtliche Problem des Hexateuch». Os sumários históricos de alguns salmos eram aí interpretados como estádio antigo da formulação do «pequeno credo histórico» de Dt 26,5-9. Enquanto outros questionavam a relação desse «credo» com as antigas tradições históricas do Pentateuco e perguntavam se se tratava de «história da salvação» ou de reflexão sobre a teologia da história, o Autor pegou nos sumários históricos dos Salmos nesta tese de habilitação apresentada em 1989 à secção Teologia da universidade Karl Marx de Leipzig.

O importantíssimo cap. 2 («Discussão do problema», pp. 16-47) estabelece o fundamento teórico. Trata-se antes de mais de definir o que é um sumário histórico (pp. 16-19). Inverte-se a diacronia de von Rad: os sumários dos Salmos não são anteriores à redacção do Pentateuco, antes vêm depois dela (pp. 26-27). A própria noção de «credo histórico» é de rever: Dt 26,5-9 é «oração», não «credo» ou confissão de fé (pp. 25-29).

A melhor maneira de aflorar os sumários históricos dos Salmos é tomá-los como *topos* literário, para cuja definição contribui a ciência